

6-2005

Dom Mário Clemente Neto, 25 anos de Bispo Prelazia da Tefé - Amazonas

Hugo Ventura

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Ventura, H. (2005). Dom Mário Clemente Neto, 25 anos de Bispo Prelazia da Tefé - Amazonas. *Missão Espiritana*, 7 (7). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol7/iss7/8>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

dom mário clemente neto 25 anos de bispo prelazia de tefé – amazonas

“Vim para servir”.

Dom Mário Clemente Neto, Bispo Emérito da Prelazia de Tefé, celebra este ano 25 anos de sagração episcopal. Durante 20 anos foi Bispo Titular da Prelazia de Tefé. Aqui não se pretende uma simples homenagem a Dom Mário. Também não se quer uma biografia minuciosa, mas principalmente lembrar a vida e dedicação missionária de um confrade Espiritano nesta terras da Amazônia, “a sua maneira de servir a porção do Povo de Deus que lhe foi confiada como sucessor dos Apóstolos”. O lema que Dom Mário escolheu irá caracterizar profundamente a sua postura de Pastor nesta Prelazia: “Vim para servir”. Iremos comprovar isso à medida que entrarmos na história e vida deste homem.

Vida.

Eis um pequeno resumo biográfico: Dom Mário Clemente Neto, CSSp, nasceu a 07/08/1940 em Itaúna, Estado de Minas Gerais, Brasil. Os seus estudos teológicos foram feitos na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, Itália. Foi ordenado presbítero a 14/08/1966, em Itaúna, Minas Gerais. Será ordenado Bispo a 19/10/1980 no mesmo local. A sua renúncia foi aceite a 19/10/2000.

“Cartas de um Missionário”

Momento tão especial levou a Prelazia de Tefé, em pleno Amazonas, a comemorar de um modo especial os 25 anos de

* Hugo Ventura. Licenciado em Teologia pela Universidade Católica portuguesa. Missionário espiritano na Prelazia de Tefé, Amazônia, tem partilhado a sua vida e Missão com o bispo emérito da Prelazia, D. Mário Neto.

sagração episcopal de Dom Mário. No mês de Julho de 2005, foram muitos os que participaram em toda a programação pensada para esta ocasião festiva.

O lançamento de um livro intitulado "Cartas de um missionário", foi momento especial. Neste livro, "edição caseira", temos o contacto com várias cartas circulares escritas por Dom Mário aos amigos, benfeitores, colaboradores, aos quais nem sempre tinha tempo de responder. No final, ajuntava sempre uma nota pessoal a quem se dirigia. No prefácio, D. Sérgio Eduardo Castriani, actual Bispo de Tefé, nos apresenta o livro: "*A leitura das cartas circulares de Dom Mário, nos leva a conhecer seu coração e suas preocupações, mas também seus sonhos.(...) As cartas nos fazem conhecer a Amazônia das comunidades ribeirinhas e das aldeias indígenas, com suas belezas e seus dramas.(...) A seu modo, ele faz uma leitura magistral da realidade a partir da fé e do compromisso pastoral. Uma leitura que nos faz penetrar um pouco mais nos segredos de uma região ainda desconhecida e nas alegrias e angústias de uma Igreja que teima em continuar a anunciar o Evangelho de Jesus*"¹.

"As cartas nos fazem conhecer a Amazônia das comunidades ribeirinhas e das aldeias indígenas, com suas belezas e seus dramas"

Das muitas cartas circulares, apresento aqui uma. Através desta temos a oportunidade de entrar dentro da caminhada histórica desta Igreja local e da vida daquele foi o seu Pastor.

Carta Circular (1981)

"Tefé, 31 de dezembro de 1981.

Caríssimos, venho desejar a todos os meus amigos um ano de 82 cheio de bênçãos de Deus, muita paz e muita disposição para ajudar os que estão ao seu redor a serem felizes. Agradeço aos que me escreveram, por ocasião de meu aniversário, pela comemoração do primeiro ano de minha sagração, pelo Natal e outras ocasiões.

Neste 2º semestre estive viajando quase todo o tempo. Em minhas passagens por Tefé, dava uma olhada na correspondência, enchia-me de vontade de responder pelo menos uma palavrinha, mas não era possível. Agora tentarei mandar uma resposta a todos com algumas notícias, um cartão de Ano Novo mais recheado. Peço aceitá-lo como muito pessoal, dirigido a cada um de vocês.

Partilho com vocês algumas experiências vividas neste 2º semestre. Em setembro e outubro, fui fazer uma visita ao rio Jutai. Lá vivem os seringueiros e vários grupos de índios. Os seringueiros só têm condição de vender sua borracha para os regatões, ou sejam, barcos de comerciantes que sobem o rio. Para comprarem sua alimentação, remédios, roupas, etc... só contam com os regatões. Estes fixam o preço da borracha e das mercadorias. Assim o povo está num beco sem saída. No período das cheias, as várzeas ficam inundadas e então tiram madeira, mas como a distância da foz é absurda, só podem vender para

"O povo está num beco sem saída"

¹ Cartas de um Missionário, pág. 1.

quem aparece lá para comprar. Vivem, portanto em muita dificuldade, sem recursos. Quando adoecem, praticamente só podem esperar a morte. Vivem muito isolados uns dos outros, pois cada seringueiro precisa de umas 600 árvores de seringa para poder viver. Por isso as casas são isoladas, longe umas das outras. Há um padre que vive lá com eles. Ele tem um pequeno barco e vive uns tempos com uma família, trabalha com eles tirando borracha ou cortando madeira, depois visita outra região. Eles resolveram fazer algumas reuniões para tratarem de seus problemas. Em 4 pontos diferentes construíram uma casa grande para servir de encontro do pessoal daquele trecho. Usaram o material que usam para as próprias casas; palha de palmeira, madeira, cipó. Participei de duas destas reuniões. Na primeira estiveram umas 150 pessoas, na segunda umas 100. Cada um trouxe sua farinha e peixe salgado. Em cada uma reunia-se o pessoal que estivesse até a distância de dois dias de viagem de remo aproximadamente. Minha viagem de Tefé até lá durou 12 dias viajando, às vezes, a noite toda ou boa parte da noite. Assim, para uma demora de uns 5 dias lá, foi quase um mês de viagem e mais de mil litros de óleo diesel a 60 c. o litro.

Nas últimas semanas estivemos trabalhando no rio Japurá. Não fomos até os limites da Prelazia, pois estes ficam na fronteira com a Colômbia e seriam vários dias de viagem até lá. Fomos o Ir. Pedro, 2 seminaristas e eu, até a sede da Paróquia de Maraã. Fomos numa lancha mais veloz do que um barco comum. Um pitoresco da viagem: Saímos de Tefé, entramos no rio Solimões, subimos uma distância de 3 horas (horas de barco comum, com a lancha é a metade do tempo mais ou menos). Atravessamos o Solimões para entrar no rio Japurá. Há muitas ilhas em todo este rio. A região é plana. Normalmente usamos mapas e bússolas, mas como havia conosco um rapaz de Maraã, seguimos suas indicações. Não se percebe quando se está navegando, se a gente está subindo ou descendo. Algumas horas mais tarde avistamos um povoado que ninguém reconheceu. Fomos perguntar e descobrimos que estávamos umas 3 horas abaixo de Tefé, novamente no rio Solimões! Tínhamos descido por outros braços do rio. Como nem o tempo nem o combustível não davam mais para chegarmos a Maraã, resolvemos voltar e seguir no outro dia. Nosso problema era explicar em Tefé o motivo de termos voltado. Pensamos em usar uma expressão vaga como: "tivemos um problema técnico", pois afinal de contas navegação também é uma técnica. Chegando aqui porém, não resistimos à tentação de contar toda a verdade. A piada era tão gostosa que não podíamos privar os outros de se deliciar com ela. Os nordestinos quando chegavam aqui na região e não sabiam nem remar, nem viver na mata, eram chamados de "brabos". Pois é, nós ainda somos meio "brabos". E as aventuras aos "brabos" não ficou só nisto. No dia seguinte saímos bem cedo. Depois de umas 10 horas de viagem sem problemas, seguimos o conselho de uns rapazes que encontramos e entramos por um paraná, um atalho. De repente, um baque horrível. Tínhamos batido num

“Quando
adoecem,
praticamente só
podem esperar a
morte”

“Atravessamos o
Solimões para en-
trar no rio
Japurá. Há
muitas ilhas em
todo este rio”

banco de areia coberto pela água. Fomos surrando em águas rasas em cima da areia uns 20 metros. Achei inicialmente que tínhamos batido num pau. Corri para verificar se estava entrando água no porão. Caso estivéssemos naufragando, convidaria os outros para cairmos na água e deixarmos o "navio" ir ao fundo sozinho. Coisa de "brabo", sabe? Acontece que estávamos bem encalhados na areia. A lancha teve só umas pequenas avarias e felizmente só o Ir. Pedro e um seminarista tiveram pequenas escoriações.

"Foram 20 horas de viagem até lá"

Maraã é uma paróquia que compreende dois municípios do Japurá. Quem dirige a paróquia é um Catequista Regional que orienta as comunidades, faz os batizados e casamentos. Era a festa da padroeira. Celebrei as missas, houve 1ª Comunhão e Crismas. Depois fomos visitar a sede do outro município e outras comunidades mais acima. Foram 20 horas de viagem até lá. Algumas curiosidades deste município: Ele tinha no censo anterior 3.700 hab, numa área de 50.000 Km². Em 80 tinha somente 2.700 habitantes. Na penúltima eleição, o vereador mais votado recebeu 18 votos. Outro foi eleito com uns dois votos. Uma candidata não recebeu nenhum voto porque tinha combinado com um outro candidato de trocarem os votos e ele pensou que era brincadeira. Aconteceu porém que um dos eleitos faleceu e ela assumiu o cargo, eleita sem votos. Na última eleição, o mais votado obteve 12 ou 14 votos. Estas informações foi um vereador que me deu. O prefeito não estava. Ele mora em Manaus e é nomeado porque é um município de fronteira e por isso incluído nos de segurança nacional.

"O que nos deixou impressionados foi o grande número de pessoas doentes de malária"

O que nos deixou impressionados foi o grande número de pessoas doentes de malária. Sobretudo crianças estão morrendo em grande número. Estão construindo um cemitério novo e em pouco tempo já enterraram 3 adultos e 5 crianças, numa vila que tem uns 300 habitantes. Várias pessoas acamadas lá e na antiga sede do município. O pior é que não tinham remédios para malária. Na beira do rio também as pessoas nos paravam e pediam remédios porque toda a família estava com febre.

"Contamos com a ajuda de muitos que nos enviam suas colaborações"

Fizemos lá um cursinho de dois dias preparando uma equipe para fazerem uma celebração do Culto Dominical. No último dia tivemos o culto celebrado por eles mesmos. Fazemos sempre este trabalho pelo interior para que a partir daí possam ir formando comunidade, se ajudando mutuamente para ir resolvendo os problemas de saúde, de escola, etc. Assim procuramos ser úteis ao povo daqui. Contamos com a ajuda de muitos que nos enviam suas colaborações. No mês de setembro por exemplo em Pará de Minas (MG) fizeram uma coleta que nos mandam para colocarmos um pouco mais de Bíblias nas mãos do povo. Outros nos têm ajudado e com isto pagamos por exemplo o combustível para estas viagens e outras despesas.

Minha cartinha ficou realmente um "cartão", mas isto é para compensar o atraso em responder, às vezes, de 6 meses. Fui contar agora, são 120 cartas deste 2º semestre que ficaram sem resposta!

*Desejo-lhes mais uma vez muitas felicidades. O apoio de suas orações e amizade é muito importante para mim*².

“Levar a Igreja a caminhar com os próprios pés”

Numa das suas últimas cartas Dom Mário confessa que tinha uma linha de orientação pastoral: *“levar esta Igreja a caminhar com seus próprios pés”*³. A leitura de todas as cartas circulares faz-nos perceber essa mesma linha pastoral assim como o amor com que ele assumiu e abraçou este ministério. Podemos ver claramente algumas opções:

- Uma opção preferencial concreta pelos pobres e excluídos.

Na Prelazia de Tefé eles concentram-se no beiradão, ao longo dos rios, em comunidades cheias de vontade de viver, integradas com a natureza, mas herdeiras de séculos de exploração, abandono e pobreza. Ele faz um retrato desta realidade dolorosa: *“A situação do povo no Juruá e Jutai está sempre piorando. A borracha está cada vez mais desvalorizada. Agora nem comprador encontram. Muitos estão se mudando para as cidades, onde não encontram emprego. Alguns estão tentando na agricultura, mas não encontram quem compre o seu produto”*⁴.

Embora estes pobres se encontrem longe, muito longe muitas vezes, não deixou de estar do seu lado. Viagens que tinham duração de um mês. Viagens que se sabia quando começava, mas que nem sempre se sabia quando terminavam. Consciente das dificuldades e desafios, procura não abandonar este povo. A visita pastoral era uma forma da Igreja mostrar que está do seu lado. Podemos também constatar que esta Igreja local procurou ajudar estas comunidades mais necessitadas dando suporte a projectos de sobrevivência, a todos os níveis. A esse respeito, Dom Mário conta-nos: *“As paróquias e a prelazia têm dado suporte a vários esforços que as comunidades fazem por uma melhor sobrevivência, a formação de associações de agricultores para conseguir melhorar e diversificar sua produção, escoá-la e comercializá-la; a obtenção de mais apoio da administração pública, etc. Nestas buscas de melhoria tem havido uma luta de muitas das comunidades da região para a criação de Reservas Extrativistas (Resex). As Resex visam a uma exploração racional dos recursos da floresta sem destruí-la e permitindo uma vida mais digna para as pessoas que ali moram. Nestas e noutras lutas do povo, geralmente só a Igreja tem dado um suporte efectivo às comunidades para que as famílias não sejam obrigadas a caírem no desemprego, nas periferias das cidades”*⁵.

“as paróquias e a prelazia têm dado suporte a vários esforços que as comunidades fazem por uma melhor sobrevivência”

² *Cartas de um missionário - carta circular de 1981, pág10.*

³ *Ibidem - carta circular de 2002, pág. 128.*

⁴ *Ibidem - carta circular de 1988, pág. 48.*

⁵ *Ibidem - carta circular de 2002, pág. 129.*

• A vida em comunidade.

“A vida em comunidade trouxe uma união de forças e uma luta maior”

Um dos trabalhos gigantescos que foi feito nestes últimos 25 anos foi o da formação de comunidades. Acreditou-se que este seria um modelo com muitas vantagens para este povo. As distâncias, os trabalhos na mata e outros fenómenos levavam a que o povo estivesse muito disperso, sem acesso a saúde, educação e mesmo assistência religiosa. A vida em comunidade trouxe uma união de forças e uma luta maior por todos esses direitos. Dom Mário e toda a Prelazia de Tefé apostaram muito nesse sentido. Ao longo das suas cartas vai falando um pouco desta opção: *“No primeiro semestre, através da Coordenação Pastoral, procuramos realizar cursos para as comunidades do interior. São os Cursos de Pastoral Familiar que já são uma tradição aqui. São um apoio às comunidades que vivem muito isoladas pelas distâncias, pela falta de meios de comunicação, pelo analfabetismo, etc. Muitas delas já têm uma certa organização, têm a celebração do Culto Dominical, comemoram as festas, têm escola, agente de saúde, etc. Neste ano estamos procurando ajudá-las a se organizarem melhor ou iniciarem a formação de uma comunidade quando nada ainda foi feito. Ajudamos a estabelecer grupos de reflexão para lerem juntos o Evangelho da semana, e juntos procurarem entender e aplicar para a vida de cada um. Demos a estas reuniões o nome de “Ajuri” da Bíblia. Ajuri é o nome para mutirão aqui. Fazem muitos ajuris para preparar um roçado, plantar uma roça ou colher. Para a celebração do culto, geralmente há um “catequista” ou dois. Incentivamos para que houvesse uma equipe em que cada um assumia uma função, nem que seja a de limpar a capela ou preparar a sala da casa onde vão celebrar o culto. Ajudamos a formar um conselho comunitário para que se reúna regularmente e estude os problemas da comunidade”*⁶. Hoje, são poucas as famílias que vivem isoladas. Muitas, apesar das dificuldades, conseguem trabalhar, sustentar as famílias e defender os seus direitos. Pode-se constatar que esta continua a ser uma das apostas pastorais em toda a Prelazia.

• Defesa dos Povos Indígenas.

“O trabalho junto dos índios é uma de nossas preocupações”

Se o povo que mora no “beiradão” é um povo esquecido e abandonado, então isso é muito mais evidente com os índios presentes em toda a região. Através do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) ou de outras instituições, a Prelazia procurou apoiar os projectos na defesa dos direitos destes povos. Afirma-se mesmo que este trabalho era uma das prioridades: *“O trabalho junto dos índios é uma de nossas preocupações. Há o isolamento e exploração em que vivem, os*

⁶ *Ibidem* - carta circular de 1982, pág. 20-21.

⁷ *Ibidem* - carta circular de 1990, pág. 59.

problemas especiais de saúde, a falta de apoio oficial para a demarcação de terras”⁷. Aliás, como poderemos constatar, os índios eram bastante numerosos nesta prelazia e com realidades bem diversas: “Um sector de nosso trabalho é com os índios. Temos no território da prelazia uns 4.500 índios de 12 povos diferentes. Ao todo são umas 50 aldeias ou grupos. A situação de cada povo é diferente: uns já não falam mais sua língua original, ou-tros se expressam mais ou menos em português e outros só falam a sua língua própria. Uns vivem em lugares fixos e são agricultores, outros vivem se mudando de lugar e não cultivam a terra. Estão muito espalhados e a maioria está na cabeceira dos rios para onde foram expulsos”⁸.

• **Formação.**

Esta é uma das prioridades não só nesta prelazia, assim como em toda a região amazônica. Numa das reuniões, após alguns dias de trabalho, “os padres, irmãs, irmãos e Bispos concordaram em dois pontos fundamentais: 1º) nossa região é realmente missionária; 2º) nossos esforços devem dirigir-se, sobretudo para a formação. É uma região missionária porque ainda não foi estabelecida uma Igreja local. Mesmo aquelas que são chamadas diocese, na verdade são “prelazias fantasiadas de dioceses” pois nem um número razoável de padres locais elas têm. Temos que fazer todo o investimento possível na formação de padres diocesanos, de leigos comprometidos e também de religiosos. Uma Igreja constituída é ter um povo evangelizado e ministros para oferecer os serviços fundamentais dos Sacramentos e da Palavra”⁹. Uma das preocupações que podemos constatar frequentemente ao longo da leitura destas cartas é a respeito do clero presente na Prelazia. Todos eles são missionários, vindos de outros países ou de outros estados do Brasil. Passados poucos anos, voltam de novo para as suas terras. Existe uma grande rotatividade do pessoal a trabalhar nesta região. É muito difícil ter continuidade no trabalho. Daí que a inauguração do Centro Vocacional, tenha sido um momento histórico na vida desta Igreja local. “E inauguramos o Centro Vocacional. É um local que construímos para receber jovens para estudarem melhor e amadurecerem a sua vocação. Servirá para encontros com esta finalidade e também para um ano ou mais de preparação para os que decidirem ser padres. (...) Um dos dirigentes dos grupos de reflexão trouxe uma observação que nos surpreendeu. No seu grupo as pessoas diziam que nunca tinham apoiado alguém para ser padre porque pensavam que se alguém fosse ordenado padre teria que ir embora daqui. De fato, todo padre que eles conhecem veio de fora e está longe de sua terra”¹⁰. O esforço pela formação de um clero passou por algumas provações, mas aposta continuou bem evidente. Também a formação de leigos, seja a nível da prelazia ou a nível

“É uma região missionária porque ainda não foi estabelecida uma Igreja local”

⁸ *Ibidem* - carta circular de 1989, pág. 52.

⁹ *Ibidem* - carta circular de 1993, pág. 74-75.

¹⁰ *Ibidem* - carta circular de 1991, pág. 64.

“A formação e o treinamento dos Dirigentes das Celebrações que são aqui chamados de Catequistas Locais”

paroquial continua a ser promovida. Numa das suas últimas cartas circulares, Dom Mário retrata esse trabalho: *“Outra frente de trabalho com as comunidades é a formação e o treinamento dos Dirigentes das Celebrações que são aqui chamados de Catequistas Locais. Temos uma formação básica de quatro cursos e depois a formação permanente. Este ano promovemos uns sete cursos principalmente para os iniciantes. (...) Porém na organização dos cursos de formação se vê a grande generosidade e participação de todas. O Curso é feito numa comunidade que põe à disposição alguns homens para saírem todas as noites para pescar o peixe para as refeições e algumas mulheres se encarregam da cozinha. As comunidades que enviam os participantes mandam todo o rancho que podem: peixe salgado, caça, abóboras, mandioca, banana, açúcar, etc (...) À noite, toda a comunidade se reúne. Os cursistas fazem uma avaliação do dia e contam para todos o que aprenderam naquele dia. Depois fazem-se brincadeiras da qual todos participam com muito barulho e alegria”¹¹.*

Estas são algumas das opções pastorais assumidas por ele, enquanto Bispo desta Prelazia, e por toda esta Igreja local. O objectivo parece ser bem claro: “Levar esta Igreja a caminhar com os próprios pés”.

Ao serviço da Igreja local

A publicação desta “edição caseira”¹² com as cartas circulares nos coloca em pleno contacto com a história desta Prelazia e faz-nos entrar mais neste mundo misterioso que é a Amazónia. Em jeito de conclusão podemos dizer que o lema escolhido por Dom Mário - “Vim para servir” - marcou profundamente o seu ministério enquanto pastor e igualmente a dinâmica e compromissos pastorais assumidos em toda a Prelazia. Depois de 20 anos como bispo ao serviço desta Igreja local, agora encontra-se a trabalhar na paróquia de Fonte Boa, uma das paróquias do interior desta prelazia de Tefé. Antes de começar esta nova etapa de sua vida, ele escreve: *“A saúde está boa, graças a Deus, embora tendo que tomar os cuidados que a casa dos 60 começa a exigir. Tenho ainda condições de trabalhar mais uns tempos por aqui e por isso aceitei contribuir um pouco mais para esta igreja”¹³.* Este lema tornou-se um jeito de viver. Como espiritano está ao serviço de uma igreja que necessita de operários. Obrigado, Dom Mário, por toda a sua dedicação.

“Este lema tornou-se um jeito de viver”

¹¹ *Ibidem* - carta circular de 2004, pág. 133-134.

¹² Dom Sérgio no prefácio desta obra (pág. 2) confessa: “Esperamos que no futuro alguém possa fazer uma edição mais apurada destas cartas circulares, com uma introdução e uma contextualização histórica, além de mapas, fotos e notas de rodapé. No momento, bem no estilo de Dom Mário, nos contentamos com esta ‘edição caseira’”. Se alguém desejar apoiar na publicação desta obra, ou então ter contacto com a obra na íntegra pode-o fazer pelo endereço electrónico de D. Sérgio: scastriani@bol.com.br.

¹³ *Ibidem* - carta circular de 2002, pág. 126.